

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO — BRASIL

NOTAS SÔBRE A OFIOLOGIA NEOTRÓPICA E BRASÍLICA (*)

POR

AFRÂNIO DO AMARAL

IX

FORMAS DE BOIGÍNEOS DE RECENTE REGISTO

BOULENGER, em seu Catálogo (vol. 3, pág. 26) chamou *Dipsadomorphinae* ao grupo de serpentes opistóglifas que, posteriormente, STEJNEGER, em obediência às Regras de Nomenclatura Zoológica, subordinou a *Boiginae*. Com efeito, segundo STEJNEGER mostrou (1), o nome *Boiga* criado por FITZINGER (*in* Neue Classification der Reptilien, págs. 29 e 31. 1826) com o tipo, por designação original, *irregularis*, tem prioridade sôbre *Dipsadomorphus*, criado 17 anos mais tarde também por FITZINGER (*in* Systema Reptilium, pág. 27. 1843) e que, tendo por tipo outra espécie (*trigonatus*), é sinônimo daquele. Ante a prevalência de *Boiga*, STEJNEGER passou para *Boiginae* o nome da subfamília.

1. — *Alleidophis worontzowi* Prado

Em um de seus artigos (2), PRADO descreveu esta forma como gênero e espécies novos, baseado num único exemplar. O simples fato de o haver considerado afim do gen. *Oxybelis* mostra quão inexperto o autor é na matéria versada. Apesar de toda a imponência de nome genérico — o qual significa “serpente de

(*) Entregue para publicação em 12-6-1944.

forma diferente” —, *Alleidophis worontzowi* é serpente ligada a gênero muito diverso, já conhecida desde o tempo de Seba, em 1734 e até definida na *Synopsis Reptilium* de LAURENTIUS (1768).

Trata-se, não de gênero e espécie novos, mas de simples representante da raça típica (*cervinus*), da conhecidíssima *Siphlophis cervinus* (Laur.), a mesma que no Catálogo de BOULENGER (Cat. Sn. Brit. Mus. 3: 57. 1896) ocorre sob o nome de *Lycognathus cervinus*, forma de que, por sinal, há alguns anos publiquei a revisão (Mem. Inst. Butantan 4: 97-98. 1929 e 9: 206. 1935). Já eu a havia registado na Colômbia (3), de sorte que me foi fácil atinar com a verdadeira identidade do holótipo de *worontzowi*, que dos exemplares de *cervinus* só se distinguiria pelo colorido mais pálido e pelo número porventura maior de dentes maxilares.

Quanto ao cromatismo, aquele holótipo, conquanto manifestamente descolorado, apresenta o mesmo sistema de manchas e desenhos que exibem muitos exemplares de *S. cervinus cervinus*. E, quanto à dentição, a descrição de PRADO aplica-se a esta espécie, atribuindo-se o maior número (22 + 3) de dentes maxilares, por êle registado, ao fato de haver o referido autor provavelmente usado técnica falha ao dissecar o crânio, computando como dentes ativos os suplementares que soem encontrar-se, mais ou menos inclinados para dentro, no intervalo daqueles. Os dentes maxilares ativos nesta espécie, segundo consta do registro bibliográfico, perfazem 15 + 2 ou 3 a 16 + 2 ou 3.

A propósito, devo encarecer que, há alguns anos, GRIFFIN (4), outro autor inexperiente, descreveu como de espécie nova (*euprepa*) do gen. *Clelia* (= *Pseudoboa*) dois exemplares de *S. cervinus cervinus* colhidos na Bolívia, tendo-lhe eu feito a devida retificação (5).

2. — Exemplar albino de *Pseudoboa neuwiedii*.

Ainda em outro artigo (6), PRADO descreveu e figurou, asseverando tratar-se de novidade cromática, um exemplar de *Pseudoboa neuwiedii* (D. & B.) portador de dorso branco com manchas pardo-anegradadas, da côr da cabeça e da nuca.

Ora, do ponto de vista da fisiologia, a simples existência de

manchas na cabeça, nuca e dorso elimina a hipótese de verdadeiro albinismo.

Mas, descrevendo e figurando tal ocorrência, o autor apenas patenteou não dispôr da necessária bibliografia ou pelo menos dos trabalhos fundamentais de ofiologia. Do contrário, teria encontrado na mais conhecida obra de WIED (7), não somente a descrição, como a gravura, de um exemplar da mesma espécie (com a designação de *Scytale coronata* que é sabidamente sinónima de *Pseudoboa neuwiedii*) e que, por coincidência curiosa, até apresenta manchas encefálicas, nucais e dorsais do mesmo tipo que o indivíduo divulgado por PRADO. Aquele exemplar foi colhido no Brasil oriental, na zona percorrida por WIED, que informou ser a aludida espécie conhecida do povo pelo nome de “cobra-da-lua”. Só êste nome vulgar, tirado provavelmente do colorido claro e conspicuamente brilhante do dorso da serpente, estaria a indicar a banalidade da ocorrência. Consultando a bibliografia, PRADO poderia ter apurado que, não somente DUMÉRIL & BIBRON (8), mas o próprio BOULENGER (9), em sua costumeira definição esquemática, fazem menção a tal tipo (ou fase) de cromatismo.

3. — *Dryophylax rutilus* Prado.

A respeito do nome genérico *Dryophylax*, criado por WAGLER (10) para a espécie *natterrei* (= *strigilis*), PARKER mostrou recentemente (11) que deve prevalecer *Thamnodynastes* Wagler; isto, porquê, muito embora aquele tenha a seu favor a precedência de página, foi o escolhido pelo 1.º revisor da matéria, ou seja GUENTHER (*in* Cat. Colubr. Sn. Brit. Mus., pág. 63. 1858).

Ao parecer de PRADO (12), aquele gênero “acha-se ainda, em parte fundido ao gênero *Philodryas* Wagler, 1830, tal como o compreenderam DUMÉRIL & BIBRON, 1854”. Contudo, êste reparo de PRADO não procede, nem tem sentido. Não procede, porquê os nomes *Dryophylax* e *Thamnodynastes*, tendo sido por WAGLER criados, respectivamente, para as 2 formas *nattereri* (= *strigilis*) e *punctatissimus* (= *pallidus*), já de há muito se acham fundidos em um só, por iniciativa de BOULENGER (*in* Cat. Sn. Brit. Mus. 3: 115. 1896) que o escolheu definitivamente de quaisquer ligações com outros gêneros (inclusive *Philodryas*). E não tem sentido,

porquê a concepção de DUMÉRIL & BIBRON, sendo diversa da original de WAGLER, não foi seguida pelos demais herpetólogos; estes, pelo contrário, preferiram limitar o âmbito daqueles 2 nomes propostos por WAGLER, não sendo, portanto, admissível que se venha agora afirmar que *Dryophylax* e *Philodryas* ainda se acham em parte fundidos.

A espécie *rutilus* foi descrita e redescrita por PRADO (12) como se fôsse distinta de *Thamnodynastes pallidus strigilis* (Thunberg) pela presença de: escamas dorsais lisas, em 19 filas (19-19-17), sem fossetas apiculares; ventrais 127 (124-128); colorido dorsal sem listas ocasionais.

Sem embargo de ter à sua disposição no museu do Instituto uma excelente coleção de espécies cuidadosamente determinadas por terceiros e capaz de fornecer-lhe sólida base para comparações e estudos críticos, PRADO não reparou sequer na coincidência de que eram fêmeas (♀ ♀) todos os 5 exemplares (holótipo e parátipos) de sua espécie *rutilus*. A um técnico mais experimentado este simples fato estaria a indicar a possibilidade de interveniência de dimorfismo (sexual ou outro) na forma *strigilis*, visada na enumeração dos caracteres diferenciais. Mesmo no colorido, a ocorrência de diversidade, a ausência de listas no dorso e a presença de manchas nos lábios, já foram registados por autores cujos trabalhos PRADO não pode ignorar, como WIED (7, págs. 277-284), que por sinal figurou (*in* *Abbildungen*, 1824), em cores perfeitas, 2 exemplares completos, correspondentes aos tipos de cromatismo que descreveu.

Sendo ♀ ♀ os exemplares de *rutilus*, não admira que a redução de suas filas dorsais de escamas seja 19-19-17 ao invés de 19-19-15. As próprias escamas lisas, aliás assinaladas em *strigilis* por vários autores, inclusive por BOULENGER e por mim (13), representam mera variação, talvez de natureza também dimórfica. A ausência de fossetas apiculares nas escamas dorsais é caráter cuja banal precariedade, demasiado conhecida, já foi por mim discutida em Nota precedente (VII).

4. — ***Elapomorphus lemniscatus* D. & B., *E. bilineatus* D. & B., *E. trilineatus* Blgr.**

Segundo o Catálogo de BOULENGER (9, págs. 242-243), o gênero *Elapomorphus* seria representado, no sul do Brasil e nas repúblicas platinas, pelas 3 espécies supra-nomeadas, as quais se distinguiriam entre si pelo caráter da sutura internasal e pelo colorido.

Ao examinar, em 1924, a coleção de ofídios sulamericanos no Museu Nacional dos Estados Unidos (14, 15), posta gentilmente à minha disposição pelo saudoso cientista prof. L. STEJNEGER, tive oportunidade de encontrar um exemplar, procedente da Argentina, o qual, conquanto concordasse em geral, quanto à folidose, com *E. lemniscatus*, desta se distinguia pela proporção da sutura internasal e pelo colorido do dorso. E, assim, já tendo examinado várias séries de exemplares dêste grupo, descrevi a forma *E. suspectus*. Mais tarde, no decurso de várias viagens, coube-me a sorte de estudar criticamente ainda alguns outros espécimes contidos em museus norte-americanos e europeus ou obtidos na Argentina. Estribado nessa experiência, posso ainda hoje ratificar as conclusões (16) a que cheguei, pondo no sinonímia de *bilineatus* as espécies *lemniscatus* de D. & B., *trilineatus* e *spgazzinii* de BLGR. e *suspectus* de AMARAL.

Ultimamente, PRADO (17), pela simples comparação de 2 exemplares de *E. trilineatus* (procedentes do Rio Grande do Sul) e 1 exemplar de *E. lemniscatus* (de procedência ignorada) e sem ter visto exemplar algum de *E. bilineatus*, achou-se apto a concluir pelo restabelecimento da posição sistemática fixada no Catálogo de BOULENGER.

Embora considere óbvio tecer outros comentários em tórno dessa conclusão, devo frizar que, em seu artigo, PRADO chegou a mostrar-se mais realista do que o próprio rei, o que estaria talvez a indicar a existência de um preconceito ao iniciar as observações. Assim é que, acentuando ser o colorido dorsal em *lemniscatus* "avermelhado em cima, sem lista negra vertebral", esqueceu-se PRADO de que o próprio BOULENGER, na fidelidade em registrar imparcialmente quaisquer diferenças, acentuara textualmente que o colorido em *lemniscatus* é vermelho ou pardo-cinéreo em cima, com

ou sem uma lista negra vertebral ("red to greyish brown above, with or without a black vertebral stripe").

5. — *Apostolepis goiasensis* Prado

O gênero *Apostolepis* Cope é representado por outro complexo de espécies grandemente afins, cujos representantes oferecem acentuada tendência para variações na coloração (diferenças de idade) e na folidose, mormente quanto às placas cefálicas e respectivas relações. É esta em síntese, pelo menos, a conclusão a que cheguei no curso de meus estudos críticos de séries de exemplares existentes nos museus que visitei e dos tipos que examinei, anotando-lhes os caracteres. A pequena experiência que assim adquiri, permitiu-me oferecer uma ligeira revisão de várias formas de recente descrição (16, págs. 48-51), além de uma relação daquelas cuja validade me pareceu indiscutível (18) e respectivas sinonímias.

Nesses estudos, versando a variabilidade verificada na folidose ou no cromatismo, assim concluí: "na separação das espécies de *Apostolepis* não se deve tão pouco dar valor ao número de supralabiais (4.^a, 5.^a ou 6.^a) porventura contíguas à parietal, porquanto êste caráter também está sujeito à influência de variações individuais" (*), "nem o tamanho relativo do olho, nem a maior ou menor contigüidade da nasal com a preocular tem valor na distinção das espécies dêste gênero"; "o colorido do dorso destas serpentes varia às vezes de acôrdo com a idade: os jovens de algumas espécies apresentam no dorso linhas longitudinais, que desaparecem com o crescimento, ficando os adultos unicolors em cima. Aliás, tratando-se de espécies de hábitos subterrâneos, não é de admirar que elas apresentem tantas variações e que, por isso, sua diferenciação seja algumas vezes bastante difícil."

Apesar dêste claro aviso aos incautos, PRADO (20) descre-

(*) Para exemplificar êste ponto, bastaria citar a espécie que PERACCA (19) descreveu como *borellii* e cujos caracteres discuti alhures (16, págs. 48-49). Levando em conta os 3 exemplares depois obtidos pelo Museu Britânico, ter-se-ia de concluir, "ex absurdo", que, enquanto o holótipo cabia no grupo II, C, 1 ou 2, daquela chave (ao lado de *nigrotérminata* ou de *erythronota*, var. *lineata*), os 3 novos exemplares assim se comportavam: um no grupo I (ao lado de *assimilis* ou então de *coronata*), outro, no grupo II, B (ao lado de *quinquelineata*); só o restante é que seria assimilável ao tipo...

veu como nova a espécie *goiasensis*, com base num único exemplar recebido de Goiás, o qual, a seu ver, diferiria de *flavotorquata* principalmente pela proporção da rostral, separação entre a nasal e a preocular, 5 supralabiais, 4 infralabiais em contacto com a mental anterior e vestígios de 3 estrias dorsais.

Apreciando-se êstes caracteres, verifica-se a desvalia diagnóstica da separação naso-preocular e a do colorido, restando os tres outros. Todavia, quanto à proporção da rostral, PRADO, talvez para forçar a distinção, afirmou que em *flavotorquata* é “a parte visível da rostral, em cima, cêrca de uma vez e dois terços” (isto é, 166 %) da sua distância da frontal, quando ela é, realmente, igual apenas a dois terços (isto é, 66 %) dessa distância, ou, nas palavras do próprio BOULENGER, “the portion visible from above measuring about two thirds its distance from the frontal”. Quanto às infralabiais, PRADO, talvez pela mesma razão, afirmou que em *flavotorquata* ha 5 destas placas “em contacto com a mental anterior”, quando há, realmente, 4 placas em contacto com a mental anterior (5 infralabiais estão em contacto com as 2 mentais, anterior e posterior). Ambos êstes caracteres estão bem destacados na descrição de *flavotorquata* oferecida por BOULENGER (9, pág. 234) e nas excelentes gravuras publicadas por JAN (21). Eliminados êstes graves enganos, permaneceria de pé, como caráter diagnóstico, apenas a presença de 5, ao invés de 6, supralabiais, como é a regra no gênero. Mas, ainda neste ponto, conquanto GOMES (22) já houvesse mostrado que mesmo 7 supralabiais se podem eventualmente encontrar (p. ex. na espécie *A. cearensis*), PRADO esqueceu-se de publicar um desenho esquemático da cabeça magnificada, como é de praxe em casos de acentuada afinidade, para se poder apreciar essa interessante anomalia.

BIBLIOGRAFIA

- 1 - STEJNEGER, L. — Herpetology of Japan and adjacent territory — Bull. U. S. Nat. Mus. 58: 381. 1907.
- 2 - PRADO, A. — Observações sôbre ofídios da fauna amazônica, etc. — Mem. Inst. Butantan 13: 5-6. 1939 (4 figs.).
- 3 - AMARAL, A. DO — Novos gêneros e espécies de Colubrídeos opistóglifos — Mem. Inst. Butantan 9: 206. 1935.

- 4 - GRIFFIN, L. E. — A catalog of the ophidia from South America, etc. — Mem. Carnegie Mus. 7 (3): 203. 1915 (1916) (3 figs.).
- 5 - AMARAL, A. DO — Ophidia from South America in the Carnegie Mus.: a critique, etc. — Ann. Carnegie Mus. 16 (2): 322. 1926.
- 6 - PRADO, A. — Mais um caso de albinismo em serpente — loc. cit.: 10 (fig.).
- 7 - WIED, Neuwied, M. — Beitr. Naturgesch. Brasilens I: 244-245. 1825 (+ Abbildung 1824).
- 8 - DUMÉRIL & BIBRON — Erpétologie Générale 7: 1001. 1854.
- 9 - BOULENGER, G. A. — Cat. Sn. Brit. Mus. 3: 112. 1896.
- 10 - WAGLER, J. — System der Amphibien: 181. 1830.
- 11 - PARKER, H. W. — The frogs, lizards and snakes of British Guaiana — Proc. Zool. Soc. London (3) 524. 1935.
- 12 - PRADO, A. — Serpentes do gênero *Dryophylax*, com a redescrção de uma espécie nova. — loc. cit. 17: 2. 1943 (2 figs.). (Descrição original in *Ciência* 3 (7): 204. 1942).
- 13 - AMARAL, A. DO — *Thamnodynastes strigilis* (Thunberg, 1787), etc. — Rev. Mus. Paulista 14: 27-29. 1926.
- 14 - AMARAL, A. DO — New genus and species of snakes contained in the U. S. Nat'l. Mus. — J. Washington Acad. Sc. 14 (9): 202. 1924.
- 15 - AMARAL, A. DO — South America snakes in the collection of the U. S. Nat'l. Mus. 67 (art. 24): 17. 1925.
- 16 - AMARAL, A. DO — Valor systemático de varias formas de ophidios neotropicos — Mem. Inst. Butantan 4: 47. 1929 (1930).
- 17 - PRADO, A. — Sobre a determinação de *Elapomorphus trilineatus* Blgr. e afins. — Mem. Inst. Butantan 14: 19-21. 1940 (2 figs.).
- 18 - AMARAL, A. DO — Lista Remissiva dos ophidios do Brasil — Mem. Inst. Butantan 4: 108:109. 1929 (1930, 1.ª ed.); 10: 147-149. 1937 (2.ª ed.).
- 19 - PERACCA, M. G. — Viaggio del dr. A. Borelli nel Matto-Grosso brasiliano e nel Paraguay — Boll. Mus. Zool. Anat. comp. Torino 19 (460): 9-10. 1904.

- 20 - PRADO, A. — Comentários acêrca de algumas serpentes opistóglifas do gênero *Apostolepis*, etc. — Mem. Inst. Butantan 16: 8-9. 1942 (1 foto).
- 21 - JAN, G. — Icon. Générale d. Ophidiens 14, tab. 1, fig. 3. 1865.
- 22 - GOMES, J. F. — Descrição de quatro espécies novas e um novo gênero de opistóglifos. — Ann. Paulistas Med. & Cir. 14 (6): 123. 1915.

